

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília (RIUnB) pela doutoranda Daniela Gralha de Caneda Queiroz, em 30 de outubro de 2018, para disponibilizar o trabalho “Autoria única nos periódicos brasileiros das áreas de informação: em busca das razões”, gratuitamente, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra.

REFERÊNCIA

QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; VILAN FILHO, Jayme Leiro. Autoria única nos periódicos brasileiros das áreas de informação: em busca das razões. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UEL), 2018. Disponível em:
<<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/viewFile/939/1863>>. Acesso em: 30 out. 2018.

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação

AUTORIA ÚNICA NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS DAS ÁREAS DE INFORMAÇÃO: em busca das razões

Daniela Gralha de Caneda Queiroz (Universidade de Brasília)

Jayme Leiro Vilan Filho (Universidade de Brasília)

SINGLE AUTHORSHIP IN BRAZILIAN JOURNALS OF THE INFORMATION AREAS: searching for reasons

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Objetiva identificar e analisar as razões da autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação, nesta pesquisa abrangidas pela Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia. Compreende estudo descritivo, de abordagem metodológica qualitativa, através do método de levantamento, por meio de entrevista semiestruturada para coleta de dados, que foram examinados através da análise de conteúdo. Apresenta, então, uma análise qualitativa a partir das respostas de 23 autores de artigos de periódicos, entrevistados entre maio e junho de 2018 por meio de correio eletrônico. Identifica como possíveis razões para a autoria única nos artigos de periódicos: desenvolvimento pessoal do autor, tempo, resultado de pesquisa individual, resultado de mestrado/doutorado/pós-doutorado, assunto de pesquisa singular, característica da área, gosto pessoal do autor e falta de incentivo para coautoria. Salienta que, em sua maioria, não houve colaboração nas pesquisas publicadas em autoria única pelos autores entrevistados. Ressalta que os pesquisadores entrevistados, em geral, não percebem uma maior valorização da autoria única pelas agências financiadoras de pesquisa, sistemas de avaliação, instituições de ensino e pesquisa ou colegas. Conclui com a ideia de que a autoria única possui diferentes razões de existência e percepções de valor, provavelmente decorrentes das diferenças entre as disciplinas dos autores que publicam nos periódicos das áreas de informação, caracterizadas pela sua interdisciplinaridade, desse modo, reforçando a importância da continuidade deste estudo.

Palavras-Chave: Comunicação Científica; Autoria Única; Áreas de Informação.

Abstract: This study intends to identify and analyze the reasons for single authorship in articles published in Brazilian journals in information areas (Archiving, Library Science, Museology and Information Science). It's a descriptive study in a qualitative method approach and using half

structured interviews to gather the data, which were examined through content analysis. It presents a qualitative analysis from 23 authors of articles published in journals interviewed by e-mail between May and June 2018. The paper identifies as possible explanations for single authorship in journals: the author's personal development, time, individual study research, completion works (master, PHD, MBA), single research theme, characteristics of the field of study, personal choice and lack of incentive for co-authorship. This study highlights that most of the interviewed single authorship authors have no collaborations in their studies. Also, all these authors don't perceive any incentive from financial agencies, universities, institutes, colleagues or sponsors to single authorship. It concludes pointing that there are different reasons and perceptions to explain single authorship. Probably it occurs because there are differences among the author's fields of science who published in information science journals, as they have a multidisciplinary characteristic. This point reinforces the importance to continue studying the theme.

Keywords: Scientific Communication; Single Authorship; Information Areas.

1 INTRODUÇÃO

Em seu livro *Little Science, Big Science*, Price (1963) publicou que a proporção de artigos com mais de um autor estava crescendo tão rápido, de forma contínua e vigorosamente, que os artigos de autoria única desapareceriam. Décadas depois, Greene (2007), da mesma forma, foi alarmante ao declarar que o autor solitário desapareceu; em sua análise da *Nature*, verificou que ela mantém o número de artigos e cartas desde 1950, porém possui aproximadamente quatro vezes mais autores. Dessa maneira, continua Greene (2007), em ensaio para a *Nature*, do final dos anos 1600 até cerca de 1920, a regra era um autor por artigo, mas essa simetria foi quebrada na década de 1920, diminuída nos anos 50 e abandonada na década de 1980, passando a colaboração a ser universal e essencial na pesquisa multidisciplinar.

Pois bem, os artigos de autoria única tiveram sua participação alterada nos índices de produtividade científica nas mais diversas áreas científicas, contudo não sumiram. Abt (2007), em estudo a respeito das frações de artigos de autoria única em astronomia, física, química e biologia, entre 1975 e 2005, constatou que a função exponencial nunca chega a zero, sugerindo que trabalhos de autoria única continuarão a ser publicados no futuro previsível, diversamente à previsão de que eles seriam extintos. Vanz e Stumpf (2010) também descreveram que a autoria individual não desapareceu e que ela ainda existe em todas as áreas, apesar de ser proporcionalmente maior nas áreas mais teóricas. Além do mais, estudos de Vilan Filho (2016) e Gabriel Júnior (2017) indicaram que a autoria única representa cerca de um terço da produção de artigos de periódicos das áreas de informação no Brasil, nos períodos de 1972 a 2013 e 1972 a 2017, respectivamente.

No entanto, ainda são poucos os estudos a respeito da autoria única, sendo que estes,

além de não focarem as áreas de informação do Brasil, não investigam os motivos pelos quais os pesquisadores ainda publicam desse modo, delimitando-se às análises quantitativas. Assim, por não terem sido encontrados estudos qualitativos a respeito, acredita-se que esta pesquisa seja umas das primeiras a serem realizadas no país a respeito da autoria única.

À vista disso, então, essa pesquisa objetiva identificar as razões da autoria única nos artigos de periódicos brasileiros nas áreas de informação, aqui compreendidas pela Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia¹, em continuidade e complementação aos estudos quantitativos desenvolvidos no doutoramento. Para tanto, foi aplicado questionário aos pesquisadores a respeito dos motivos para escreverem sozinhos. Para melhor entendimento dos resultados dessa pesquisa, a seguir são tratados os temas comunicação científica, autoria única e áreas de informação.

2 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Um dos preceitos da ciência é de que os resultados de pesquisa devam ser publicados; desse modo, as descobertas dos cientistas só podem ser distinguidas como conhecimento científico quando divulgadas ao mundo e registradas (ZIMAN, 1988). Assim, Cole e Cole (1968) descrevem que o avanço na ciência depende da comunicação eficiente de ideias, que devem ser redigidas, divulgadas e efetivamente usadas. Para eles, quanto mais eficiente o sistema de comunicação científica, menor é a duplicação de pesquisa necessária e maior a base cultural comum em que o avanço é dependente.

Da mesma forma, Meadows (1999) compreende que a comunicação científica é tão importante e essencial quanto a pesquisa em si, pois ela: dá direito intelectual a quem publica; é avaliada, certificada e aceita pelos pares; contribui para o desenvolvimento da ciência; e serve como resposta aos investimentos financeiros. Desse jeito, a comunicação científica compreende a pesquisa (na realização da investigação, através da comunicação entre pares), o sistema (no fluxo de informação entre editoras, bibliotecas, etc.) e a sociedade em si (na divulgação do conhecimento científico), de acordo com Gomes (2013).

A comunicação é necessária para o avanço científico e ela também é a base para a operação do sistema de recompensa, conforme Cole e Cole (1968). Uma das maiores recompensas que um cientista pode ganhar é o conhecimento de que seu trabalho foi lido e

¹ A Documentação, apesar de ligada às áreas de informação (ORTEGA, 2009), não está representada no documento de área nem no relatório de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), não sendo, portanto, objeto de estudo desta pesquisa.

utilizado pelos colegas. Da mesma maneira, Packer e Meneghini (2006) destacam que visibilidade, qualidade e credibilidade estão inter-relacionadas, ou seja, a alta qualidade de um trabalho científico provoca credibilidade por parte da comunidade acadêmica, promovendo a visibilidade do pesquisador. Nesse sentido, Ziman (1988) explana que um cientista produz conhecimentos por razões econômicas (salário) e/ou por razões psicológicas (gratificação pessoal decorrente do reconhecimento pela comunidade científica). No sistema de comunicação científica, este reconhecimento advém, prossegue o autor, da publicação do seu trabalho em um periódico de reputação e da respectiva citação. Da mesma forma, Maltrás Barba (2003) entende que o cientista busca o reconhecimento porque ele é útil e imprescindível para o desenvolvimento profissional individual, já que o prestígio dá acesso a maior quantidade de recursos, instalações e possibilidades de obtenção de financiamentos. Tal reconhecimento pode originar-se da autoria única, próximo tópico apresentado.

3 AUTORIA ÚNICA

A autoria única, enquanto prática de escrever e publicar sozinho (MEZA; SBAJ; MATSUDA, 2017), sempre esteve presente nas produções literárias e científicas. Aliás, as produções científicas eram publicadas, na maioria das vezes, sob forma de autoria única, pois o cientista pesquisava sozinho (MEADOWS, 1999; LE COADIC, 2004). Depois de um período de prevalência (final do século XVII até 1920), a autoria única foi perdendo força, dando lugar à coautoria (com maior ênfase a partir dos anos 80), mas nunca perecendo.

A autoria única não desapareceu, presumivelmente, em virtude de diversos fatores: preferência do pesquisador por escrever sozinho; área de pesquisa singular e/ou especializada; característica própria da área de pesquisa; área de pesquisa não necessita de laboratórios nem de equipe de pessoas; intervalo de tempo menor entre a produção e a publicação da pesquisa; pressão por parte de universidades, instituições de pesquisa, agentes financeiros e governos, como fator primordial para efetivação de empregos, conquista de promoções e obtenção de subsídio para pesquisa (aparentando não ser esse o caso do Brasil); demonstração de alta competência para realização plena de um projeto de pesquisa; isolamento do pesquisador (pessoal ou geográfico); forma de libertação, após obrigatoriedade de dar coautoria para outros pesquisadores ou depois de se livrarem do sentimento de endividamento para com outros autores; glorificação só para si (MERTON, 1957; MEADOWS, 1999; HARTLEY, 2005; ARGENTINA, 2012; NOOR, 2013; CHUANG; HO, 2014; ELIYAN, 2014; CHINCHILLA-RODRÍGUEZ; MIGUEL;

MOYA-ANEGÓN, 2014; HARTLEY; CABANAC, 2016; SINGLE..., 2017).

Hartley e Cabanac (2016) apontam desvantagens para a escrita em colaboração, que se concebe como motivos para a autoria única: surgimento de problemas caso os colegas discordem; retardamento da produção se uma pessoa tiver muitos compromissos; problemas decorridos da diferença de competência entre os autores; dificuldade para designar o primeiro autor; e os leitores/pesquisadores não sabem quem contribuiu com o quê na pesquisa/artigo (embora hoje algumas revistas forneçam essa informação, segundo os próprios autores, há estudos que afirmam ser isso insuficiente para a designação de valor de trabalho individual).

Ainda que a autoria única não forme a maior parte da produção científica em muitas áreas, ela é altamente prestigiada, pois o autor é considerado eficiente, aplicado e vitorioso (ELIYAN, 2014). Segundo Chuang e Ho (2014), um trabalho de autor único exige esforços tremendos de um indivíduo, sendo regularmente reconhecido como o padrão-ouro e como um forte testemunho dos esforços de um cientista.

Nas disciplinas das ciências sociais (foco deste estudo) e humanas, por razões históricas, os pesquisadores estão menos dispostos a conceder coautoria aos subordinados - mesmo quando estes participaram da pesquisa (PONTILLE, 2004, apud LARIVIÈRE, 2012)². Em vista disso, as áreas de informação são o próximo item a ser abordado.

4 ÁREAS DE INFORMAÇÃO

As áreas de informação, neste estudo compreendidas pela Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia, são aqui entendidas como áreas distintas, cada uma possui objetos próprios de estudo, comunidades científicas, periódicos, eventos, etc., mas com pontos em comum (TANUS; ARAÚJO, 2012). Araújo (2011) comenta que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia deram ênfase nas especificidades técnicas e institucionais, evidenciando diferenças entre elas, fortalecidas por suas associações profissionais. Tal ênfase fez com que houvesse uma aproximação com a Ciência da Informação (detentora de cientificidade). Assim, a Ciência da Informação ofereceu cientificidade à Biblioteconomia e a Biblioteconomia ofereceu sua infraestrutura institucionalizada (ARAÚJO, 2011). Já a Arquivologia não possuía infraestrutura institucionalizada, contudo, nos espaços em

² PONTILLE, David. *La Signature Scientifique: une sociologie pragmatique de l'attribution*. Paris: CNRS Éditions, 2004. Apud

LARIVIÈRE, Vincent. *On the Shoulders of Students? The contribution of PhD students to the advancement of knowledge*. *Scientometrics*, Budapeste, v. 90, n. 2, p.463-481, Feb. 2012.

que a Ciência da Informação já estava consolidada (pós-graduação), a Arquivologia conseguiu seu lugar (ARAÚJO, 2011). Em relação à Museologia, sua legitimação enquanto disciplina serviu à Ciência da Informação mais para a cooperação internacional do que para legitimação epistemológica (MAIRESSE; DESVALLÉS, 2005, apud ARAÚJO, 2011)³.

Hoje, a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia não se voltam mais para os livros, documentos e objetos, mas para o ato humano de criar, interpretar, usar, selecionar e distribuir os produtos e registros do conhecimento, predominando o conceito de informação (ARAÚJO, 2011), para onde as áreas convergem. Saracevic (1996) afirma que a recuperação da informação (RI) é a função mais importante da Ciência da Informação e é nela que mais acontecem as suas relações interdisciplinares. Desse modo, para Le Coadic (2004, p.19), o objeto da Ciência da Informação "não é mais a biblioteca e o livro, o centro de documentação e o documento, o museu e o objeto, mas a informação."

Nesse sentido, Saracevic (1996) entende que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação compartilham seu papel social e sua preocupação com o uso efetivo dos registros gráficos. Já em relação à Arquivologia e Ciência da Informação, Fonseca (1998) aponta a informação como objeto de estudo da nova Arquivologia, aproximando as áreas. No que diz respeito à relação entre Museologia e Ciência da Informação, Pinheiro (2012) aponta que no Brasil existe interdisciplinaridade entre as duas áreas, passando pela informação de arte em museus e seus sistemas e redes de informação, assim como da representação do objeto museológico.

5 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada sob a ótica da alegação pragmática, com caráter descritivo, abordagem metodológica qualitativa, de natureza do tipo básica, em ambiente natural e horizonte temporal transversal. A coleta de dados, por levantamento, executada entre maio e junho de 2018, foi realizada a partir de amostra formada tendo por base pesquisa de Queiroz e Vilan Filho (2017)⁴, em que encontraram 1126 artigos de periódicos de autoria única publicados entre 2010 e 2015, recuperados a partir da base de dados ABCDM, da Universidade de Brasília

³ MAIRESSE, François; DESVALLÉS, André. Brève histoire de la muséologie: des Inscriptions au Musée virtuel. In: MARIAUX, Pierre (Org). **L'object de la muséologie**. Neuchâtel: Institut de l'art et de muséologie, 2005. Apud ARAÚJO, 2011.

⁴ A pesquisa qualitativa aqui apresentada faz parte de investigação maior, cuja primeira parte foi este estudo quantitativo citado.

(UnB).

Em relação ao número de indivíduos da amostra para serem entrevistados, Bauer e Gaskell (2005) afirmam que mais entrevistas não melhoram a qualidade da pesquisa ou levam a uma compreensão mais detalhada. Isso porque, para esses autores, há um número limitado de versões da realidade e também porque há a questão do tamanho do corpus a ser analisado. Assim, há um limite máximo de número de entrevistas que é necessário fazer e analisar. E "este limite é algo entre 15 e 25 entrevistas individuais" (BAUER; GASKELL, 2005, p.71). Já para Adler e Adler (2012), uma amostra qualitativa deve conter entre 12 e 60 indivíduos, sendo 30 a média, pois deve-se levar em consideração, entre outros, o tempo disponível para a realização da pesquisa. Dessa forma, foram enviados 35 questionários, com perguntas semiestruturadas, via correio eletrônico para os autores selecionados via *Research Randomizer*⁵, a partir do trabalho supracitado de Queiroz e Vilan Filho (2017).

O tempo disponibilizado para que os autores respondessem o questionário foi de duas semanas na primeira rodada, com retorno de 14 pesquisas preenchidas, acrescido de mais duas semanas, na segunda e última rodada, após novo envio dos questionários via correio eletrônico para os autores que não haviam respondido ainda, com retorno de mais 9 pesquisas preenchidas. Assim, obteve-se um total de 23⁶ pesquisas preenchidas ao longo de quatro semanas. Para Sekaran (2003), as taxas de retorno de questionários via correio eletrônico são em geral baixas, considerando-se 30% como taxa de retorno aceitável; como houve o retorno de 67,71% dos questionários preenchidos, considerou-se ter atingido tamanho de amostra suficiente.

Após o término da coleta de dados, foi realizada análise de conteúdo, em que, em uma primeira etapa, as respostas dos questionários foram pré-analisadas, a fim de organizar o material e escolher as informações relevantes (BARDIN, 1977). Depois foi feita uma categorização que representasse o conteúdo dessas entrevistas, partindo do geral para o particular (BARDIN, 1977), no *software Word* (editor de textos da *Microsoft Office*). Por fim, foi realizada análise textual a seguir apresentada.

⁵ É um recurso gratuito para pesquisadores e estudantes que gera números aleatórios. Disponível em: <<https://www.randomizer.org/>>.

⁶ Somente para constar, os indivíduos da amostra eram das áreas de: Ciência da Informação, História, Letras, Comunicação, Engenharia, Arquivologia, Estudos de Museus, Estudos Latino-Americanos, Gestão de Documentos e Patrimônio Cultural (considerando-se a área de maior titulação).

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram feitas 4 perguntas aos 23 indivíduos⁷ da amostra. A primeira das perguntas, então, foi: *Quais são as razões que o(a) levaram ou o(a) levam ainda a escrever artigo(s) científico(s) em autoria única?* Para essa questão as respostas foram classificadas em 8 categorias.

A categoria com maior número de resultados foi *desenvolvimento pessoal do autor*, com 12 respostas. Nesse sentido, os indivíduos da amostra descreveram que a autoria única é como se fosse um momento de reflexão pessoal, de desenvolvimento de linhas próprias de argumentação e, em consequência, de aprimoramento pessoal das suas capacidades teóricas e empíricas. Além disso, relataram que a escrita solitária permite a eles uma melhor compreensão da realidade, com exploração de novos percursos e superação de desafios pessoais, sem interferência de pressões externas. Ademais, explicaram que a publicação com um único autor, configura o pesquisador em si, demonstrando todo o esforço individual. Assim, a autoria única pode ser simplesmente um momento próprio de um pesquisador, em que ele necessita de espaço para refletir, expandir seus pensamentos, desenvolver uma ideia ou adicionar ideias livres (NOOR, 2013).

Em segundo lugar houve três categorias empatadas, cada uma com 8 respostas. Uma dessas categorias dizia respeito ao *tempo*. Assim, alguns pesquisadores da amostra informaram que são bastante rápidos ao escrever artigos, sendo difícil encontrar outros pesquisadores que acompanhem o seu ritmo de trabalho. Outrossim, alguns pesquisadores justificaram a autoria única em virtude dos prazos exíguos impostos pelos periódicos. Desse jeito, o intervalo de tempo menor entre a produção e a publicação efetiva do artigo ensejam a escrita solitária, considerando-se que tanto a escrita quanto as prováveis correções sejam realizadas de modo mais paulatino quando há mais de duas pessoas envolvidas (HARTLEY, 2005; HARTLEY; CABANAC, 2016). Ademais, outro motivo seria o da incompatibilidade de agenda com outros colegas, inviabilizando a escrita conjunta.

A outra categoria, com 8 respostas também, referia-se ao *resultado de pesquisa individual*. Nesse seguimento, os indivíduos da amostra responderam que os artigos eram resultados de investigações realizadas de maneira totalmente solitária, muitas vezes decorrentes das atividades profissionais desenvolvidas. A propósito, atualmente, apesar das

⁷ Ainda que a amostra tenha sido composta por 23 indivíduos, eventualmente estes pesquisadores forneciam mais de uma resposta a cada questão. Por este motivo, por vezes, há mais de 23 respostas apresentadas.

diversas formas de comunicação, ainda existem pesquisadores que se encontram isolados, seja pessoal ou geograficamente, dificultando a pesquisa colaborativa (SINGLE..., 2017).

E a outra categoria com 8 respostas foi *resultado de mestrado/doutorado/pós-doutorado*. Dentro desta categoria, 2 pesquisadores responderam que o artigo de autoria única resultou de estudos de pós-doutorado, 4 de doutorado e 2 de mestrado. Os entrevistados, de um modo geral, não consideraram a parceria orientador-orientado como colaborativa.

A quinta categoria foi *assunto de pesquisa singular*, com 7 respostas. Os indivíduos da amostra declararam que o tema de pesquisa trabalhado não despertava o interesse por parte de outros pesquisadores, dessa maneira, não encontrando parceiros para a escrita colaborativa. Então, os temas de pesquisa são, muitas vezes, de interesse muito particular; ou, ainda, os temas de pesquisa e os referenciais teóricos não coincidem com os dos pesquisadores mais próximos. Tais resultados vem ao encontro do que Eliyan (2014) já havia colocado, de que alguns temas podem ser únicos e/ou muito especializados, não sendo de interesse pela maior parte da comunidade científica.

Depois apareceram 3 categorias, com 1 resposta cada: *característica da área, gosto pessoal do autor e falta de incentivo para coautoria*. A categoria *característica da área* concerne ao modo de fazer pesquisa e de publicar de cada área de estudo. Em outras palavras, a autoria única é uma característica inerente de determinada área de pesquisa (MEADOWS, 1999; SINGLE..., 2017). Na área de História, por exemplo, é de praxe que seus pesquisadores façam suas publicações sozinhos.

Já a categoria *gosto pessoal do autor* remete ao fato de que há pessoas que preferem trabalhar sozinhas a em grupo. Esta é uma característica totalmente de cunho pessoal, não sendo passível de debates ou julgamentos. Eliyan (2014) e Single... (2017) já tinham aventado o pressuposto de que poderia haver predileção do pesquisador por escrever sozinho.

E a categoria *falta de incentivo para coautoria*, apontada por um pesquisador apenas, trouxe à tona que os editais de pesquisa, comumente, não permitem coautoria, não proporcionando condições de solicitar fomento para mais de um pesquisador. Dessa forma, não há estímulo para buscar parcerias fora das próprias áreas de atuação, prejudicando não somente a realização de trabalhos em coautoria, mas as relações interdisciplinares. Tal resposta vem em direção ao encontrado na literatura, em que parece haver pressão pela autoria única por parte de algumas universidades, instituições de pesquisa, agentes financeiros e governos, como fator primordial para efetivação de empregos, conquista de promoções e obtenção de

subsídio para pesquisa, aparentando não ser esse o caso do Brasil (ARGENTINA, 2012; CHINCHILLA-RODRÍGUEZ; MIGUEL; MOYA-ANEGÓN, 2014; ELIYAN, 2014; SINGLE..., 2017).

A segunda pergunta feita aos indivíduos da amostra foi: *No caso deste(s) artigo(s) em autoria única, houve alguma colaboração durante a pesquisa (colaboração aqui entendida como trabalho conjunto em um projeto de pesquisa juntamente com outro(s) pesquisador(es), compartilhando recursos financeiros, físicos e/ou intelectuais)? Se sim, por que não resultou em coautoria?* Para esta questão houve 15 respostas *não*, ou seja, os indivíduos da amostra executaram a pesquisa sozinhos, sem colaboração de outros pesquisadores. Houve também 7 respostas *não, porém com pesquisas que se deram sob supervisão de algum orientador (mestrado, doutorado e pós-doutorado) ou com a participação dos orientandos durante a pesquisa*. Neste ponto percebeu-se que não há um consenso entre os pesquisadores entrevistados do que seja colaboração. Muitos não consideraram a relação orientador-orientando como colaboração à época das suas titulações; no entanto, consideram colaborações nas suas relações atuais com seus orientandos, parecendo haver um contrassenso. E ainda houve 2 respostas *sim*, isto é, existiu colaboração durante a pesquisa, mas esta não resultou em coautoria, seja porque o pesquisador quis dar um caráter mais pessoal ao artigo ou seja porque o pesquisador quis se voltar mais para a própria área de investigação. Luukkonen, Persson e Sivertsen (1992) e Katz e Martin (1997) já haviam levantado a hipótese de que dois pesquisadores poderiam trabalhar juntos (colaborar), mas publicar seus resultados separadamente, seja porque pertencessem a diferentes campos científicos, seja porque discordassem da interpretação das descobertas e decidissem escrevê-las em artigos separados.

A terceira pergunta realizada aos indivíduos da amostra foi: *Você acha que há uma maior valorização dos artigos escritos em autoria única (pelas agências financiadoras de pesquisa, pelos sistemas de avaliação, pelas instituições de ensino e pesquisa ou pelos seus colegas)?* Entre os resultados, 11 foram *não*, isto é, muitos dos pesquisadores entrevistados acreditam que a coautoria é mais valorizada, já que a autoria única caracterizaria um indivíduo como egoísta, com dificuldades de interação; por outro lado, havia pesquisadores que achavam que a coautoria possui tão mais valor, que eles temem ser prejudicados em algum momento das suas carreiras (por exemplo, em um processo de seleção) por preferirem escrever sozinhos. Ainda entre os resultados houve 7 *não sei/depende*. Alguns pesquisadores não souberam responder se a autoria única é mais valorizada e outros responderam que a valorização é variável: seja porque tanto a coautoria quanto a autoria única tem seus próprios valores (uma denotando

capacidade de desenvolver uma rede de relacionamentos com outros pesquisadores, outra denotando capacidade intelectual do indivíduo para desenvolver uma pesquisa sozinho), seja porque, dependendo do país, há maior valorização dos livros de autoria única, mas há suporte para projetos coletivos, ensejando a coautoria. E ainda houve 6 respostas *sim*, ou seja, há maior valorização da autoria única, pois, segundo os entrevistados: os pares e o sistema de avaliação vigente valorizam mais a autoria única; os editais raramente permitem coautoria nos artigos e os pedidos de financiamento, de modo geral, não contemplam mais de um pesquisador; avalia melhor a capacidade do pesquisador; a coautoria não é bem vista na área, havendo desqualificação de artigos deste tipo.

Acredita-se que os autores de maior visibilidade e credibilidade tendem a publicar sozinhos. Isso porque Merton (1957), Bourdieu (1983), Ziman (1988) e Chartier (2014) dissertam a respeito da busca de visibilidade e credibilidade por parte dos pesquisadores, os quais podem atingir sua consagração através de obras em autoria única, pois não haveria divisão de sucesso (CHUANG; HO, 2014; ELIYAN, 2014). Porque em estudo de Queiroz e Vilan Filho (2016), que caracteriza os pesquisadores que mais publicaram artigos de autoria única em periódicos das áreas de informação no Brasil, entre os anos de 2002 a 2013, encontrou que estes artigos estão entre os mais citados desses próprios autores, indicando que a autoria única também pode proporcionar visibilidade e reconhecimento, acreditou-se que os indivíduos da amostra deste estudo tivessem essa percepção, o que, aparentemente, não aconteceu.

A quarta e última questão era: *Gostaria de comentar algo mais sobre autoria única ou a respeito de quaisquer aspectos das questões anteriores?* Entre as respostas descritas, destacam-se: (1) a elaboração de artigos científicos em autoria única requer maior reflexão, esforço individual e disciplina, além de maior rigidez à sistematização do método, ou seja, implica maiores desafios, demonstrando alta competência do pesquisador para realização plena de um projeto de pesquisa, indo ao encontro do que fora descrito por Argentina (2012), Noor (2013), Chuang e Ho (2014), Eliyan (2014), Single... (2017); (2) determinados pesquisadores entendem que a autoria única seja a melhor forma de avaliação individual, principalmente pelas agências de fomento - por exemplo, para concessão de Bolsa Produtividade pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) -, pois um trabalho de autor único exige esforços tremendos de um indivíduo, sendo visto como o padrão-ouro e como um forte testemunho dos esforços de um cientista, como comentado por Chuang e Ho (2014); (3) existem pesquisadores que nunca participaram de projeto com fomento para mais de um investigador

e que nunca escreveram em coautoria (por exemplo, não há uma prática difundida de colaboração de pesquisa nas áreas de Humanidades, dificultando a produção de trabalhos conjuntos); (4) certos pesquisadores creditam a existência da autoria única em virtude da ordem dos nomes na coautoria, já que, comumente, os artigos são lembrados pelo nome do primeiro autor, o que, muitas vezes, acaba não representando realmente a pesquisa feita ou a confecção do artigo, revelando apenas questões hierárquicas, como bem colocam Hartley e Cabanac (2016), quando descrevem que na coautoria pode haver dificuldades sobre quem será designado primeiro autor e sobre quem contribuiu com o quê no artigo final; soma-se a isso, os comentários de Ziman (1988), quando afirma que existe uma certa tendência em se atribuir grandes realizações científicas a um único indivíduo (mesmo que isso implique injustiças); (5) alguns pesquisadores entrevistados, ainda que tenham para si a autoria única como tendo maior valor (porque trazem melhores reflexões), acreditam na importância da colaboração e da coautoria (mesmo porque dela resultam bons trabalhos), fazendo questão de comentar que trabalham em conjunto com seus orientandos e com outros colegas, por vezes, quase soando como uma defesa, como se a autoria única fosse uma prática indevida; e (6) certos pesquisadores entrevistados criticaram a coautoria enquanto prática de apenas adicionar o nome do pesquisador ao trabalho, sem que tenha havido efetiva participação, tais pesquisadores também comentaram que a colaboração (que pode resultar em coautoria) é mais uma necessidade do que uma escolha, em virtude do uso de recursos e da perpetuação de comunidades de pesquisadores, como muito bem colocado por Maltrás Barba (2003) quando descreve que o cientista busca o reconhecimento porque ele é útil e imprescindível para o desenvolvimento profissional individual, ainda mais em épocas de escassos recursos e infraestruturas para a pesquisa, já que o prestígio dá acesso a maior quantidade de recursos, instalações e possibilidades de obtenção de financiamentos; além disso, a autoria única seria uma forma de libertação, após obrigatoriedade de dar coautoria para outros pesquisadores (orientadores, chefes de laboratórios, colegas mais antigos, estatísticos, líderes de organizações, etc.), ou depois de se livrarem do sentimento de endividamento para com outros autores, como descrito por Noor (2013) e Eliyan (2014).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que esta pesquisa atendeu de modo satisfatório aos objetivos aqui propostos, identificando e analisando os motivos da continuidade da autoria única, neste caso

específico, nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação. Assim, foram identificadas 8 categorias como razões da autoria única: *desenvolvimento pessoal do autor*, como se o pesquisador entrevistado desejasse produzir mais devagar para poder melhor refletir, quase que indo de encontro às exigências da vida acadêmica, como se lutasse contra as forças do campo, de Bourdieu; *tempo* de escrita e submissão do artigo, nesse sentido, o pesquisador entrevistado pode encontrar-se sob as forças do campo, de Bourdieu, pois necessita se submeter aos arbítrios dos periódicos; *resultado de pesquisa individual*, mostrando que ainda existe pesquisa solitária; *resultado de mestrado/doutorado/pós-doutorado*, indicando que o conceito de colaboração para estes entrevistados ainda não é pacífico na ciência, como pode ser visto na questão a respeito da existência de colaboração na pesquisa, assim este item enseja um exame mais minucioso, para verificar o entendimento de colaboração por cada área de pesquisa; *pesquisa singular*, mostrando que existem temas de pesquisa que não são de interesse dos colegas, quiçá da sociedade; *característica da área*, talvez consolidando a ideia de que a autoria única não desaparecerá; *gosto pessoal do autor*, indo de encontro à pressão pelo trabalho em equipe, já observado por Meadows (1999); e *falta de incentivo para a coautoria*, podendo ser decorrente da característica da própria área de pesquisa.

Esperava-se encontrar diferenças nas respostas entre pesquisadores de áreas e países diversos, mas foram inesperadas aquelas respostas em que os pesquisadores possuíam diferentes percepções quanto, por exemplo, à valorização da autoria única dentro na mesma área e país. Isso vem demonstrar que a autoria única provavelmente não desaparecerá e que ela é ainda alvo de controvérsias, fortificando ainda mais a ideia de que este estudo deve ser aprimorado.

Ressalta-se o resultado encontrado em relação à valorização da autoria única, em que 6 pesquisadores responderam ter ela maior valor seja pelas agências financiadoras de pesquisa, sistemas de avaliação, colegas ou instituições de ensino e pesquisa. Ainda que este número de respostas não corresponda a maioria, este resultado fortalece a importância do estudo da autoria única, pois a coautoria, ao contrário do que muito se pensa, parece não ser convenção na ciência ainda. Aliás, diante da declaração de alguns pesquisadores nesta investigação, emergiu a dúvida se a coautoria é mesmo espontânea, como decorrência da evolução da ciência.

Observação mais minuciosa desta pesquisa permite verificar que foi encontrada uma certa pluralidade nas respostas dos pesquisadores entrevistados. Provavelmente estas

diferenças podem ser explicadas pela multiplicidade de áreas de pesquisa, vínculos institucionais e seus países, titulações acadêmicas, etc. Desse modo, a continuidade desta pesquisa urge que seja feita também pesquisa quantitativa a respeito dos autores entrevistados para que os dados quali e quantitativos sejam cruzados, assim, enriquecendo a qualidade da pesquisa ainda em desenvolvimento para a tese.

REFERÊNCIAS

ABT, Helmut A. The Future of Single-Authored Papers. **Scientometrics**, Budapeste, v. 73, n. 3, p.353-358, Nov. 2007.

ADLER, Patricia A.; ADLER, Peter. The Epistemology of Numbers. In: BAKER, Sarah Elsie; EDWARDS, Rosalind. **How many qualitative interviews is enough?** Expert voices and early career reflections on sampling and cases in qualitative research. Discussion Paper. NCRM. 2012. p.8-11. Disponível em: <http://eprints.ncrm.ac.uk/2273/4/how_many_interviews.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p.110-130, maio 2011.

ARGENTINA. Comisión Interinstitucional de Elaboración de Criterios de Evaluación para las Humanidades y Ciencias Sociales. Centro de Estudios e Investigaciones Laborales CONICET. **Criterios de Evaluación de la Producción Científica de las Humanidades y Ciencias Sociales**. 2012. Disponível em: <<http://www.ceil-conicet.gov.ar/2012/12/criterios-de-evaluacion-de-la-produccion-cientifica-de-las-humanidades-y-ciencias-sociales-ciecehcs-comision-interinstitucional-de-elaboracion-de-criterios-de-evaluacion-para-las-humanidades-y-cie/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa, com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. Cap. 4. p.122-155. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/Cursos/2010/2010_O_campo_cientifico.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.

CHARTIER, Roger. **A Mão do Autor e a Mente do Editor**. São Paulo: UNESP, 2014.

CHINCHILLA-RODRÍGUEZ, Zaida; MIGUEL, Sandra; MOYA-ANEGÓN, Félix de. What Factors Affect the Visibility of Argentinean Publications in Humanities and Social Sciences in Scopus?

Some evidence beyond the geographic realm of research. **Scientometrics**, Budapeste, v. 102, n. 1, p.789-810, Ago. 2014.

CHUANG, Kun-yang; HO, Yuh-shan. Bibliometric Profile of Top-cited Single-author Articles in the Science Citation Index Expanded. **Journal of Informetrics**, [S.l.], v. 8, n. 4, p.951-962, Oct. 2014.

COLE, Stephen; COLE, Jonathan R. Visibility and the Structural Bases of Awareness of Scientific Research. **American Sociological Review**, Washington, v. 33, n. 3, p.397-413, Jun. 1968. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2091914>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

ELIYAN, Faysal F. (Org.). **Why is it Becoming Increasingly Rare to See Single-Authored Journal Papers?** 2014. Fórum iniciado por Faysal F. Eliyan, com 44 respostas. Disponível em: <https://www.researchgate.net/post/Why_is_it_becoming_increasingly_rare_to_see_single-authored_journal_papers>. Acesso em: 27 mar. 2018.

FONSECA, Maria Odila. Informação, Arquivos e Instituições Arquivísticas. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.33-44, 1998.

GABRIEL JUNIOR, René Faustino. Panorama dos 45 anos das Revistas de Ciência da Informação no Brasil: um estudo na Brapci. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais...** Marília: UNESP, 2017. p.1 - 19. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/626/581>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

GOMES, Cristina Marques. **Comunicação Científica: alicerces, transformações e tendências**. Covilhã: Labcom Books, 2013.

GREENE, Mott. The Demise of the Lone Author. **Nature**, Londres, v. 450, n. 7173, p. 1165, Dec. 2007. Disponível em: <<http://www-nature.ez45.periodicos.capes.gov.br/articles/4501165a>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

HARTLEY, James. Refereeing and the Single Author. **Journal of Information Science**, [S.l.], v. 31, n. 3, p.251-256, Jun. 2005.

HARTLEY, James; CABANAC, Guillaume. Are Two Authors Better Than One? Can writing in pairs affect the readability of academic blogs? **Scientometrics**, Budapeste, v. 109, n. 3, p.2119-2122, Sep. 2016.

KATZ, J. Sylvan; MARTIN, Ben R. What is Research Collaboration? **Research Policy**, Amsterdam, v. 26, n. 1, p.1-18, Mar. 1997.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LUUKKONEN, T.; PERSSON, O.; SIVERTSEN, G. Understanding Patterns of International Scientific Collaboration. **Science, Technology & Human Values**, [S.l.], v. 17, n. .1, p.101-126,

Jan. 1992.

MALTRÁS BARBA, Bruno. **Los Indicadores Bibliométricos**: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia. Gijón: Trea, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação Científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MERTON, Robert K. Priorities in Scientific Discovery: a chapter in the sociology of science. **American Sociological Review**: Official Journal of the American Sociological Society, [S. l.], v. 22, n. 6, p.635-659, Dec. 1957.

MEZA, Paulina; SABAJ, Omar; MATSUDA, Ken. La Autoría Única en SciELO Chile: prácticas autoriales en las áreas de la ciencia. **Biblios**: Journal of Librarianship and Information Science, [S.l.], n. 66, p.11-19, Jul. 2017.

NOOR, M. M. (Org.). **What is your Opinion on Single Author Papers?** 2013. Fórum iniciado por M. M. Noor, com 24 respostas. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/post/What_is_your_opinion_on_single_author_papers>.
Acesso em: 27 mar. 2018.

ORTEGA, Cristina Dotta. A Documentação como uma das Origens da Ciência da Informação e Base Fértil para sua Fundamentação. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 3, n. 1, p.3-35, jan. 2009.

PACKER, Abel L.; MENEGHINI, Rogério. Visibilidade da Produção Científica. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da (Org.). **Comunicação e Produção Científica**: contexto, indicadores, avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. Cap. 9.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Confluências Interdisciplinares entre Ciência da Informação e Museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v.1, n.1, p.7-31, jan. 2012.

PRICE, Derek J. de Solla. **Little Science, Big Science**. New York: Columbia University, 1963.

QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; VILAN FILHO, Jayme Leiro. Autoria Única nas Áreas da Informação no Brasil (2002-2013). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2016. p.1 - 8.

QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; VILAN FILHO, Jayme Leiro. Autoria Única nas Áreas de Informação no Brasil: características da produção de artigos científicos (2010-2015). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais...** Marília: Unesp, 2017. p. 1 - 21. Disponível em:
<<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/450/811>>.
Acesso em: 19 mar. 2018.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.41-62, jan. 1996.

SEKARAN, Uma. **Research Methods for Business: a skill building approach**. 4th. ed. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2003.

SINGLE-author papers: a good or bad sign? 2017. Chronicle Forums, do jornal The Chronicle of Higher Education, de Washington. Disponível em:

<<https://www.chronicle.com/forums/index.php?topic=204676.msg3507179#msg3507179>>.

Acesso em: 29 mar. 2018.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Proximidades Conceituais entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação.

Biblionline, João Pessoa, v. 8, n. 2, p.27-36, 2012.

VANZ, Samile Andréa de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p.42-55, maio 2010.

VILAN FILHO, Jayme Leiro. A Colaboração Científica nas Áreas de Informação no Brasil (1972 - 2013). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 258-269, jan. 2016.

ZIMAN, John. **An Introduction to Science Studies: the philosophical and social aspects of science and technology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.